

AMOR NA TEOLOGIA JOANINA: UM ENSAIO DO AMOR SACRIFICIAL DE DEUS E O AMOR FRATERNAL ENTRE OS IRMÃOS

LOVE IN JOHANNINE THEOLOGY: AN ESSAY ON GOD'S SACRIFICIAL LOVE
AND BROTHERLY LOVE AMONG BELIEVERS

EL AMOR EN LA TEOLOGÍA JOÁNICA: UN ENSAYO SOBRE EL AMOR
SACRIFICIAL DE DIOS Y EL AMOR FRATERNO ENTRE LOS HERMANOS

RESUMO

O artigo explora a teologia joanina sobre o amor, destacando duas principais manifestações: o amor de Deus por meio de Cristo e o amor fraternal entre os cristãos. João enfatiza que o amor divino é evidenciado na entrega sacrificial de Jesus na cruz (João 3:16), um ato que reflete a essência de Deus e sua vontade de salvar a humanidade. Esse amor não é abstrato; é concretizado em ações, e a fé no Filho de Deus traz vida eterna. Além disso, o artigo aborda o amor fraternal como uma extensão do amor divino, sublinhando que, assim como Deus sacrificou seu Filho, os cristãos são chamados a demonstrar amor sacrificial entre si. João escreveu suas cartas para combater heresias que ameaçavam a verdade e a união na igreja, afirmando que o amor deve se manifestar em ações concretas e não apenas em palavras. Assim, a essência do viver cristão na teologia joanina é um amor que se sacrifica e se doa, sendo a marca distintiva de quem conhece a Deus.

Palavras-chave: teologia joanina. Evangelho de João. Irmãos.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é apresentar o que a teologia joanina aborda sobre o tema do amor, expresso em dois aspectos principais: o amor de Deus e o amor fraternal na teologia de João. Essas duas manifestações estão intrinsecamente ligadas e são centrais para a compreensão do pensamento e dos escritos joaninos. Assim, este ensaio propõe discutir o amor de Deus pela humanidade (João 3.16) e o amor de Deus expresso entre irmãos (1 João 3.16).

¹ Bacharelando em Teologia pelo programa de Bacharel Presencial da FABAPAR. E-mail: dielopess1@gmail.com

Sabendo que Cristo se manifestou em carne a este mundo por vontade de Deus Pai, a fim de morrer e ressuscitar, justificando este mundo pelo poder de sua obra na cruz, para que todo aquele que crer no Filho de Deus tenha a vida eterna. Deus amou o mundo e optou pelo não perecimento dele. Uma das declarações de João mais conhecidas é expressa em 1 João 4.8: “Deus é amor”. Essa afirmação enuncia a natureza de Deus; não é apenas uma emoção sentida, mas algo que faz parte de sua essência. Deus amou de tal maneira, e isso o levou a uma ação: entregar seu Filho unigênito em favor da humanidade.

Segundo João, o amor é conhecido e expresso por meio do sacrifício. Deus sacrificou seu Filho em favor do mundo (1 João 3.16), portanto, seus discípulos devem se sacrificar uns pelos outros, nas palavras do próprio Cristo em João 13.

Eu lhes dou um novo mandamento: que vocês amem uns aos outros. Assim como eu os amei, que também vocês amem uns aos outros. Nisto todos conhecerão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns aos outros. (João 13.34-35)

O amor não pode ser abstrato; antes, deve ser demonstrado através de atitudes concretas em favor do próximo. Deus, voluntariamente, expresso por meio de sua graça, entregou seu Filho; logo, esse amor deve se concretizar nas relações interpessoais cotidianas. Na teologia joanina, o amor não é apenas uma virtude bela entre outras, mas é a essência do viver cristão e o sinal distintivo de quem conhece a Deus.

1. AMOR DE DEUS EXPRESSO EM JESUS

O Evangelho de João distingue-se dos demais por seu caráter profundo e misterioso. O apóstolo inicia o livro com a declaração: “No princípio era a Palavra” (Jo 1.1), evocando diretamente o primeiro versículo da Bíblia: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1.1). Segundo N. T. Wright, essa conexão é inevitável: “Nenhum leitor da Bíblia consegue ler essa expressão sem imediatamente lembrar-se do início de Gênesis, o primeiro livro do Antigo Testamento” (Wright, 2020, p. 1322). De fato, a Bíblia narra a história de Deus agindo com amor em favor do mundo, resumindo-se em como Ele redimirá a criação que começou em Gênesis. Quando João fala sobre “a Palavra”, esses dois acontecimentos se encontram, como Wright observa:

E o livro fará isso por meio da “Palavra”. Em Gênesis 1, o ponto culminante é a criação do ser humano, feito à imagem de Deus. Em João 1, o ponto culminante é a chegada de um ser humano, a Palavra que se tornou “carne”. (Wright, 2020, p.1322).

A expressão do amor de Deus é destacada de forma poderosa em João 3.16. Sobre esse versículo, Calvin comenta: “Cristo mostra a causa primeira e, por assim dizer, a fonte de nossa salvação” (Calvino, 2015). Jesus Cristo é, portanto, a razão da salvação da humanidade; foi a decisão de Deus entregar Seu Filho. Essa entrega é descrita por João ao afirmar: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira” (Jo 3.16). A entrega de Cristo representa a forma como Deus ama o mundo, revelando-se e oferecendo-se por meio desse ato de amor.

Cristo foi oferecido em favor de muitos, e não há salvação além desse sacrifício, nem fora da forma estabelecida por Deus. João, em versículos anteriores (Jo 3.14), menciona a serpente de bronze descrita em Núme-

ros 21.5-8. Nesse episódio, Deus orientou Moisés a fazer uma serpente de bronze e erguê-la, de modo que todos os que fossem mordidos por cobras pudesse ser curados ao olhar para ela. Da mesma forma, hoje a humanidade deve voltar seu olhar para o Filho do Homem, levantado na cruz, para encontrar cura para sua enfermidade mortal. Como comenta Wright, essa analogia aponta para a necessidade de olhar para Cristo para alcançar a salvação:

Na verdade, essa é a única passagem do Novo Testamento que se refere à serpente de bronze. Aqui, a menção aponta claramente para a morte de Jesus. Moisés colocou a serpente em um poste e levantou-a para que as pessoas pudessem vê-la; da mesma forma, o filho do homem tem de ser levantado para que todos que crêem nele tenham vida eterna. A humanidade, como um todo, foi atingida por uma doença mortal. A única cura é olhar para o filho do homem morrendo na cruz e encontrar vida por meio da fé nele. (Wright, 2020, p. 1359).

Deus, de certa forma, permite que toda a maldade decorrente do pecado humano recaia sobre Seu Filho. Jesus não é a serpente venenosa mencionada por João ao relembrar o relato de Moisés, mas é aquele que recebeu sobre si toda a maldade gerada pelo pecado humano; todo o mal deste mundo foi colocado sobre os ombros do Filho de Deus. Essa foi a sua “elevação”. Embora possa parecer contraditório que o inocente pague o preço pelos culpados, essa foi a maneira que Deus escolheu para demonstrar Seu amor, justificando a humanidade por meio da morte expiatória de Jesus e oferecendo salvação a todos que creem.

A crucificação de Jesus é apresentada como uma elevação, semelhante à serpente erguida no deserto. A revelação máxima de Deus ao mundo manifesta-se através de Seu próprio Filho. A salvação, que não pode ser alcançada por mérito humano, ocorre exclusivamente por meio desse ato supremo: a crucificação do Filho. Por amor ao mundo e para evitar seu perecimento, Deus entregou Seu Unigênito, desejando que a humanidade creia Nele. A fé no Filho de Deus vivifica o que estava destinado à

morte e, por meio dEle, a vida é restaurada, pois o Pai celestial não deseja que o mundo pereça. Esse é o amor de Deus pelo mundo, revelado no Filho de Seu amor.

2. AMOR FRATERNO: UMA EXPRESSÃO DO AMOR DE DEUS

O texto em destaque nesta seção é 1 João 3.16, mas antes disso, o apóstolo João, também autor do Evangelho de João, escreve no verso 11:

“Porque a mensagem que vocês ouviram desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros.” (1Jo 3.11). Seus leitores já estavam familiarizados com essa mensagem sobre o amor, pois é um dos temas centrais da fé cristã. Jesus declarou: “O meu mandamento é este: que vocês amem uns aos outros, assim como eu os amei. Ninguém tem amor maior do que este: o de alguém dar a própria vida pelos seus amigos.” (Jo 15.12-13). Desta vez, porém, o apóstolo enfatiza o amor sacrificial nos relacionamentos interpessoais, considerando-o tão essencial quanto o amor sacrificial de Deus pelo mundo (Jo 3.16).

Quando o apóstolo faz essa indagação, é crucial entender a motivação por trás da escrita de sua carta, pois ele não estava simplesmente escrevendo em um dia comum. João enfrentava heresias em seu tempo. Especificamente, ele lidava com uma falsa doutrina conhecida como gnosticismo, que sustentava a ideia de que a matéria era má e o espírito, bom. Os gnósticos acreditavam que Jesus não possuía verdadeira carne, mas apenas uma aparência humana. Esse pensamento influenciava o contexto em que João se encontrava e gerava uma comunidade separatista, já que os ensinamentos dos falsos mestres distorciam a verdade que ele havia proclamado. Blomberg comenta sobre o gnosticismo:

é bem possível que o problema gnóstico tenha piorado à medida que os falsos mestres se apegaram a algumas das ênfases de João e as distorceram, exagerando-as e aplicando-as de formas unilaterais, de modo que requereu das cartas de João e reafirmação das doutrinas que davam equilíbrio à fé cristã e estavam sendo negligenciadas. (Blomberg, 2019, p.637)

O contexto em que João escrevia também incluía outras ideias heréticas, como o docetismo, uma vertente do gnosticismo que negava a encarnação de Cristo, e o cerintianismo, que afirmava que o Espírito desceu sobre Jesus no batismo, mas o abandonou na crucificação, pois, sendo verdadeiramente Deus, Ele não poderia sofrer ou morrer. Essas heresias geravam divisão na comunidade ao redor de Éfeso, criando um contraste entre as doutrinas distorcidas e os ensinamentos do apóstolo João.

Dessa forma, João inicia sua carta combatendo o gnosticismo, a raiz de todas essas heresias, ao escrever:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, a respeito do Verbo da vida — e a vida se manifestou, e nós a vimos e dela damos testemunho, e anunciamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada —, o que vimos e ouvimos anunciamos também a vocês, para que também vocês tenham comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo. E escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa. (1 João 1-4).

João apresenta Cristo como o verbo que se manifestou em carne, afirmindo que a vida eterna está unicamente no filho de Deus. Ao fazer isso, ele combate as heresias que distorcem a verdade de Deus e provocam divisões na igreja. Aqueles que seguiam esses ensinamentos falsos consideravam errado amar e se relacionar, pois buscavam apenas o conhecimento e desejavam crescer racionalmente, sem praticar o amor entre os irmãos. Por essa razão, o apóstolo sentiu a necessidade de escrever

sobre o princípio, aquilo que havia sido comunicado anteriormente. Ele ressalta que quem vai além da doutrina de Cristo e não permanece nela não tem Deus (2 Jo 9). Carson, Moo e Morris resumem essa questão com maestria:

em contraste com isso, João volta para aquilo que era “desde o princípio”, para o testemunho das primeiras testemunhas oculares, para dados cristológicos inquestionáveis, para a novidade perene do “velho” mandamento de amar uns aos outros, para o elo inquebrável entre a fé e a obediência. (Carson; Moo; Morris, 2017, p. 508)

Portanto, o destaque do amor na teologia joanina não diz respeito apenas ao amor sacrificial de Deus, mas esse amor deve ser expressado também de maneira sacrificial entre os irmãos. Em outras palavras, o amor de Deus pode ser resumido nos dois primeiros mandamentos: amar a Deus e amar o próximo (Mateus 22.36-40). John Stott comenta sobre:

Tendo mostrado que o amor é a evidência da vida, explica que a essência do amor é o sacrifício próprio, o qual se manifestou perfeitamente em Cristo e deve caracterizar as vidas do povo cristão também. (Stott, 1988, p.123)

O amor de Deus se manifesta de forma plena em Cristo Jesus e, por sua vez, o amor de Cristo Jesus deve ser refletido e demonstrado nas relações entre os irmãos na fé. Um dos temas centrais abordados por João é o chamado ao amor sacrificial, um amor que vai além das palavras e se revela em ações concretas. Quem pode afirmar que ama a Deus, mas não ama o seu irmão? De fato, ninguém, pois é impossível amar a Deus verdadeiramente sem que esse amor se estenda ao próximo. João escreve sobre isso, enfatizando que o amor por Deus e o amor pelos irmãos estão intrinsecamente ligados, e que aquele que ama a Deus necessariamente deve expressar esse amor por meio do amor sacrificial ao seu próximo. O apóstolo escreve:

Se alguém disser: “Amo a Deus,” mas odiar o seu irmão, esse é mentiroso. Pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E o mandamento que dele temos é este: quem ama a Deus, que ame também o seu irmão. (1 João 4.20-21)

João usa Caim como exemplo de alguém que assassinou seu irmão (Gn 4.8), agindo de maneira totalmente contrária à ordem divina demonstrada por Jesus, que deu sua vida em favor da humanidade. Quando um irmão se sacrifica por outro, independentemente da proporção, a vontade de Deus se manifesta neste mundo, e assim o amor se torna conhecido. Como escreveu João: “Nisto conhecemos o amor” (1 Jo 3.16). O amor de Deus se revela quando há sacrifício entre os irmãos. A obra de Jesus na cruz é um testemunho desse amor entre os crentes. Embora se possa considerar o ato sacrificial de forma literal, João também apresenta um exemplo de sacrifício em seu próprio texto:

Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; portanto, também nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos. Ora, se alguém possui recursos deste mundo e vê seu irmão passar necessidade, mas fecha o coração para essa pessoa, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem da boca para fora, mas de fato e de verdade. (1 João 3.16-18)

Caim foi usado como exemplo supremo de ódio, por conta de seu assassinato, mas Cristo é usado como exemplo supremo de amor, por conta de seu sacrifício. Cristo fez aquilo que Caim não conseguiu fazer. Caim deu-se como assassino, e Jesus deu-se como sacrifício. Sendo assim, é o exemplo mor da conduta cristã, pois Cristo é a vontade de Deus. Stott, em um sentido enfático, diz: “O amor é o impulso de dar” (Stott, 1998, p. 123). O ensinamento de João sobre Jesus não é apenas um ato a ser admirado, mas é um exemplo a ser seguido, pois, em suas palavras, ele é pontual: “Devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1 Jo 3.16). Quem faz parte do corpo de Cristo deve amar, se sacrificar e andar como Ele andou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teologia joanina, ao abordar o amor, destaca sua centralidade para a vida cristã e sua manifestação em duas direções inseparáveis: o amor de Deus por meio de Cristo e o amor fraternal entre os irmãos. João enfatiza que o amor de Deus não é uma abstração, mas se concretiza de forma suprema na entrega sacrificial de Jesus na cruz (João 3.16). Esse ato é o ponto culminante da expressão divina de amor, mostrando que Deus não apenas deseja salvar, mas se entrega por amor ao mundo, para que todos possam encontrar vida e salvação através da fé em Seu Filho.

O amor fraternal é, portanto, uma extensão natural e necessária desse amor divino. João sublinha que, assim como Deus demonstrou Seu amor através do sacrifício, os cristãos são chamados a amar de forma sacrificial. Combatendo divisões e heresias, João reafirma que o verdadeiro amor não se limita a palavras, mas se revela em ações concretas. Assim, quem ama a Deus deve expressar esse amor no cuidado e sacrifício pelos irmãos, refletindo o exemplo de Cristo. O ensinamento de João é claro: o amor de Deus se revela e é conhecido por meio de Cristo, e esse mesmo amor deve ser visível nas relações interpessoais entre os que pertencem ao corpo de Cristo. Amar a Deus e amar ao próximo são aspectos indissociáveis da vida cristã.

Essa compreensão do amor na teologia joanina continua a ser relevante para a prática cristã contemporânea. Em um mundo marcado por divisões e conflitos, o exemplo de amor sacrificial apresentado por João oferece uma visão poderosa de unidade e comunhão, desafiando os cristãos a viverem o amor de Deus de forma autêntica e prática.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Almeida, João Ferreira de, trad. 2017. Nova Almeida Atualizada. Edição Revista e Atualizada. 3a edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse.** São Paulo: Vida Nova, 2019.

CALVINO, João. Evangelho Segundo João. Primeira Edição. Vol. 1. **Série Comentários Bíblicos.** São José dos Campos, SP: Editora FIEL.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2017.

STOTT, R. W. John. I, II, III João: **Introdução e Comentário.** 3. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão. 1988.

WRIGHT, T. Nicholas. **Evangelhos para todos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.